

Caro Brasil

O horror econômico

1 MAI 1997

ESTADO DE SÃO PAULO

CAMINHAMOS PARA O FIM DO TRABALHO, COMO ALEGA A FRANCESA VIVIANE FORRESTER?

CELSON MING

O mundo está caminhando para uma situação em que o trabalhador já não consegue vender a única mercadoria que pode oferecer: sua força de trabalho. Esse é o argumento central do livro *O Horror Econômico* (Ed. Fayard), da escritora francesa Viviane Forrester.

“É uma mutação violenta de nossa civilização, possivelmente, com consequências ainda piores do que as que sofremos hoje”, diz ela. “O conceito de trabalho, que era o fundamento de nossa civilização ocidental, caducou. Agora, milhões de seres humanos já não servem sequer para ser explorados.”

David Ricardo e, depois dele, Karl Marx, assentaram sua Economia Política sobre a Teoria do Valor do Trabalho, fator de produção que o desemprego vai desvalorizando rapidamente.

Ameaça que paira sobre nosso tempo é de que o operário já não tenha o que oferecer ao mercado

Todas as ideologias produzidas pelas esquerdas, antes do século 19 até aqui, apoiavam-se no princípio redentor do trabalho. O que fora visto como castigo do pecado original foi depois transformado em alavanca de emancipação do homem.

Mais cedo ou mais tarde, chegaria o dia em que os exploradores da força de trabalho ficariam tão dependentes dela que o proletariado, antes explorado, assumiria a condução dos destinos da humanidade. O trabalhismo, o sindicalismo, o socialismo, o comunismo e tantas ideologias salvadoras apoiaram-se nesse chão para, a partir daí, sair à conquista de corações e mentes para seus programas de transformação do mundo.

O fato novo é o de que a força de trabalho está sendo dispensada. Máquina, automação, progresso tecnológico e sabe-se lá o que mais substituem o concurso da mão-de-obra ou o talento de produtores de idéias. A ameaça que paira sobre nosso tempo é a de que o trabalhador já não tenha o que oferecer ao mercado.

O movimento sindical vai perdendo sentido. As greves já não servem como instrumento de reivindicação e de pressão. Ao contrário, transformam-se em pretexto para apressar a substituição da mão-de-obra ou por mão-de-obra mais barata ou por robôs, que não precisam de descanso remunerado nem de férias, não reivindicam reajustes salariais nem fazem greves. A consciência coletiva também vai se diluindo. Quando dizemos que algo é do nosso interesse, quem é esse nós? Num momento em que o trabalho perde valor, que sentido faz distribuir os ho-

mens em classes sociais? Quem são os novos privilegiados, os proprietários dos meios de produção ou os empregados? E os novos explorados, os proletários de sempre ou os desempregados? Quem é o nosso novo explorador, se é verdade que a História tem de continuar sendo um jogo interminável entre exploradores e explorados?

Em outros tempos, quando, por exemplo, a Revolução Industrial esvaziou a atividade agrícola e desorganizou as corporações artesanais, o homem teve sensação parecida com a que está horrorizando a ensaísta Viviane Forrester. Sempre, até aqui, a própria atividade econômica encontrou soluções novas e desfez temores apocalípticos.



Desta vez, parece mais difícil enxergar a saída. Junto com os enormes ganhos de economia de escala, a sociedade atual está produzindo cada vez mais excluídos. Quanto mais produzir, maior tende a ser a ameaça para todo o sistema, cuja sobrevivência depende do consumo, vetado aos excluídos.

Pode chegar o dia em que a solução encontrada seja assegurar o consumo por meio de um mecanismo qualquer, hoje desconhecido, cuja função fosse distribuir bens de consumo, que dispensassem a interveniência do trabalho. A redução da jornada parece apontar para isso. Há pouco mais de 200 anos, os operários que puseram em marcha a Revolução Industrial na Europa cumpriam um regime de trabalho de 96 horas semanais. A Alemanha discute hoje a redução da jornada de trabalho para 32 horas.

Os pensadores ainda têm horas a fio pela frente para discutir até que ponto um esquema futuro de distribuição de riquezas, que garantisse o consumo sem trabalho, libertaria ou alienaria ainda mais o ser humano. Nesse

caso, seria o caso de pedir-lhes que encontrassem resposta para uma pergunta mais intrigante: o que seria a exclusão maior, a do mercado consumidor ou a do mercado de trabalho?

Os ideais da Revolução Francesa chegam até aqui esgotados. Ela produziu uma bandeira de três listras. Os liberais tomaram a primeira delas, a liberdade, procuraram levá-la às suas últimas consequências e chegaram à ditadura do mercado. Os socialistas puseram toda ênfase na igualdade e, com essa idéia-força, atiraram-se à transformação do mundo, mas só conseguiram construir um muro, hoje derrubado. Ao final deste século, à medida que o desemprego vai crescendo e acirra a disputa internacional pelos cada vez mais raros postos de trabalho, quem prega a fraternidade corre o risco de não conseguir sensibilizar ninguém.

■ Celso Ming é comentarista econômico do Jornal da Tarde

■ O artigo quinzenal de Marcelo de Páiva Abreu não será publicado hoje, excepcionalmente